ARTIGOS

O BOM DESEMPENHO ESCOLAR NOS MEIOS POPULARES: ELEMENTOS PARA UMA DEFINIÇÃO E ALGUNS DADOS DE PESQUISA

Maria José Braga Viana[1]

RESUMO

Este trabalho aborda o bom desempenho/excelência escolar nos meios populares; mais especificamente, busca apoio teórico para uma caracterização da natureza e das formas da manifestação desse fenômeno nesses meios. Indagações de uma pesquisa que desenvolvo no momento constituem o pano de fundo para o que se propõe discutir nesse trabalho, pesquisa que toma como campo empírico o "Programa Bom Aluno de Belo Horizonte" (MG) e cujo desenho metodológico prevê entrevistas com alunos desse Programa que já alcançaram o ensino superior e suas famílias, assim como a realização de grupo focal com esses jovens. Esse texto traz também alguns dados empíricos extraídos de um caso dessa investigação. Os aportes teóricos mobilizados no texto para elucidar conceitualmente e caracterizar a "anatomia" do bom desempenho escolar em questão, apontam para uma mistura de diversos elementos - aprendizagens, comportamentos e disposições -, que se configuram de forma específica em cada situação. Assim, a excelência escolar não repousa necessariamente sobre aprendizagens intelectualmente exigentes, como pode parecer à primeira vista, mas, também "sobre aprendizagens metódicas, escolares, perseverança e de resistência ao tédio", assim como sobre competências estratégicas que são acionadas nas situações de avaliação; repousa, ainda, sobre os sentidos atribuídos à escola e aos saberes escolares (Charlot, 1996; Lahire, 1997; Perrenoud, 1987, 1995 1999).

Palavras-chave: excelência escolar, longevidade escolar, camadas populares.

ABSTRACT

This paper addresses the issue of high achievement at school /school excellence in lower social classes. It especially seeks theoretical support for a characterization of the nature and forms of the manifestation of this phenomenon in this kind of milieu. The research that I am presently conducting is at the core of what I intend to discuss in this paper. The research has, as an empirical field, "The Belo Horizonte Good Student Programme" (MG, Brazil). According to the methodological design, students (and their families) who have gone into higher education will be interviewed as well as there will be focus groups with these students. The paper

[1] Profa. Adjunta FaE/UFMG; Membro do Observatório Sociológico Família-Escola – OSFE – FaE/UFMG;Bolsista de pós-doutorado da CAPES em Leiria /Portugal, período de fevereiro a maio de 2010 (processo n. 4229/09-6). Parceria com o Prof. Pedro Silva do Ipleiria.

also includes data from a case study that is a part of the research. The theoretical approaches that are mobilized in order to clarify concepts and characterize the "anatomy" of high school achievement, point to a variety of elements – learning, behaviour and dispositions – that are related in a specific way in each situation. So, high achievement at school does not lie, necessarily, in demanding intellectual learning, as might initially be thought, but it also depends "on school methodical learning, perseverance, and resistance to boredom", as well as strategic skills that are activated during moments of assessment. It also lies in the meanings attributed to school and to school knowledge (Charlot, 1996; Lahire, 1997; Perrenoud, 1987, 1995 1999).

Keywords: school excellence; school longevity; lower social classes

Introdução

Este trabalho aborda o fenômeno do bom desempenho escolar nos meios populares, buscando esboçar uma caracterização da natureza e das formas por meio das quais a excelência escolar se manifesta nesses meios, através de, por um lado, uma revisão de literatura e, por outro lado, alguns dados de uma pesquisa em desenvolvimento – mais precisamente, dados de um caso. Essa pesquisa busca realizar uma revisitação da problemática acerca da longevidade escolar em meios populares, "longevidade" entendida como a permanência no sistema de ensino até a entrada no ensino superior (Viana, 2007). Algumas das indagações dessa investigação constituem o pano de fundo para o que se propõe nesse trabalho.

1. Revisitando a problemática da longevidade escolar em meios populares

A busca de elucidação das razões que tornam possível uma escolarização prolongada a indivíduos cuja probabilidade de chegar à Universidade é estatisticamente reduzida, passou a constituir, a partir do início da década de 90 do século passado, a problemática central de um número importante de pesquisas empíricas, no estrangeiro e no Brasil. A pergunta básica que norteia esses estudos, no caso brasileiro e alhures, tem sido a seguinte: o que possibilita a indivíduos

oriundos de famílias populares[2] chegar ao ensino superior, contra adversidades de ordem econômica, cultural e social? A maioria desses estudos nomeia esse fenômeno como sendo de "sucesso escolar".

Desde meados dos anos 90, venho desenvolvendo estudos que se inserem no quadro dessa problemática. Outros pesquisadores brasileiros, desenvolvendo investigações no âmbito dos seus estudos de mestrado e processo de doutoramento, se ocuparam igualmente dessa problemática, buscando compreender as condições específicas de longevidade escolar no contexto da realidade brasileira e das condições específicas de vida das camadas populares no Brasil (Almeida, 2006; Lacerda, 2006; Piotto, 2007; Portes, 1993, Silva,1999; Souza, 2009).[3] A constituição de tal objeto de pesquisa entre nós, por sua vez, tem se inspirado numa determinada literatura francesa, produto de investigações empíricas pioneiras e de porte (Laacher, 2005; Lahire, 1997; Laurens, 1992; Terrail, 1990; Zéroulou, 1988).[4]

Embora esses estudos tenham abordado o tema de uma perspectiva qualitativa, identificando histórias singulares e, portanto, não tenham buscado regularidades, alguns resultados se sobressaíram no sentido de identificar algumas reiteradas condições de possibilidade de entrada e permanência no ensino superior. Souza (2009), produzindo uma bem elaborada revisão desses estudos, aponta algumas condições que marcaram essas trajetórias escolares improváveis: a família como esfera fundamental, a mobilização dos próprios indivíduos, o papel de outras instâncias sociais de referência para além da família, os sentidos atribuídos, pelos sujeitos e suas famílias, a uma escolarização prolongada.

---

[2] Temos considerado como indicadores de pertencimento aos meios populares: pais com baixo nível de escolaridade e baixa renda familiar, e com ocupação predominantemente manual.

[3] No período de março de 2009 a março 2010 foi realizada, sob minha orientação, uma pesquisa que produziu *uma revisão dos estudos empíricos brasileiros* que se empenharam na busca de compreensão desse fenômeno. Essa revisão teve como principal tarefa identificar, nesses estudos, os principais referenciais teóricos e eixos de análise, as opções metodológicas, os itinerários de pesquisa efetivamente trilhados e, sobretudo, os principais resultados (Mailine Bahia Fernandes aluna do Curso Artes Visuais/UFMG e bolsista de Iniciação Científica - Fapemig; Beatriz Falcão, aluna do Curso de Pedagogia/UFMG, auxiliar voluntária de pesquisa).

[4] Publiquei uma revisão dessa literatura estrangeira por ocasião dos meus estudos de doutoramento (Viana, 1996).

Na pesquisa atual pretendo revisitar esta mesma problemática tomando como terreno de investigação o "Programa Bom Aluno" de Belo Horizonte; mais especificamente, pretendo investigar os jovens deste Programa que já alcançaram o ensino superior, selecionando aqueles que conseguiram acesso à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). A opção por esta Universidade se deve, no contexto da necessidade de delimitação do número de sujeitos em função do tempo disponível para a pesquisa, ao fato desta instituição, pública, ser altamente seletiva, sobretudo para alguns cursos, o que caracteriza a excepcionalidade desses casos. Reconstituindo dimensões de suas trajetórias escolares, buscarei compreender a "excelência" escolar constitutiva dessas últimas. Considerando os objetivos deste trabalho, destaco do contexto da investigação como um todo, as perguntas que se seguem.[5] O que caracteriza a excelência escolar desses adolescentes e jovens, antes e depois de sua inserção no Programa Bom Aluno? Quais comportamentos e disposições dos mesmos podem contribuir para a compreensão desse bom desempenho?

Reitero que buscar entender o fenômeno da longevidade escolar em meios populares focalizando a "excelência" escolar dos sujeitos constitui uma significativa reformulação de problemática, considerando que os estudos que vêm sendo realizados nesse campo não a têm tomado como questão central a ser elucidada.

O foco dessa reaproximação constituirá, assim, um deslocamento de olhar em relação ao meu estudo anterior (Viana, 2007) e ao conjunto dos estudos acima mencionados. A pergunta central não é, como nos estudos acima referidos, relativa à compreensão das condições de possibilidade de produção de longevidade escolar em meios populares, consideradas num amplo leque, mas à *"explicação" do bom desempenho escolar,* desde o ensino fundamental, de alguns jovens oriundos desses

[5] Embora não constituindo objetivo desse trabalho, a pesquisa busca também identificar e descrever a influência das práticas socializadoras das famílias desses alunos que possam ter exercido influência no seu desempenho escolar positivo, assim como a relação que essas famílias estabeleceram com a escolarização dos seus filhos, na escola pública e por ocasião da inserção desses últimos no novo ambiente, em escolas da rede privada.

meios que alcançaram o ensino superior. Embora não constitua questão central dessa pesquisa, indaga-se se essa escolarização longeva se deu fundamentalmente por essa razão.

2. Breve caracterização do campo empírico - "Programa Bom Aluno de Belo Horizonte"

O que é o "Programa Bom Aluno"? Como funciona? Esse programa visa oferecer suporte acadêmico, material e psicológico, a alunos das camadas populares que freqüentam a rede pública de ensino e que apresentam bom desempenho escolar. A oferta a esses alunos de condições, diferenciadas, de continuidade dos estudos, até o ensino superior, a partir da 6ª série do ensino fundamental, constitui a principal ação desse programa. [6]

Os alunos são recrutados entre estudantes da 5ª série do ensino fundamental da rede pública de ensino. Os critérios para seleção dos mesmos são os seguintes: ter bom desempenho escolar, o que significa nota mínima de 70 pontos em todas as matérias; interesse pelos estudos, disciplina e mínimo de 90% de freqüência às aulas; baixa renda familiar e comprometimento dos pais com a escolarização dos filhos. O processo seletivo consta das seguintes etapas: 1ª) preenchimento de fichas com dados cadastrais de identificação e apresentação de documentação pelas famílias dos candidatos; comprovação de renda familiar máxima de 1 salário mínimo *per capita*; 2ª) prova de conhecimentos de português e matemática pelos adolescentes candidatos; 3ª) participação dos mesmos em dinâmicas de grupo; 4ª) entrevistas com o aluno e sua família (folder do Instituto Severino Ballesteros).

[6] A instituição patrocinadora do referido Programa é o Instituto Severino Ballesteros, Belo Horizonte. Este, criado em julho de 2002, constitui um dos 06 programas existentes hoje no Brasil e que mantêm parceria, via modelo de franquia social, como o Instituto Bom Aluno do Brasil (IBAB), este último criado em 2000. Trata-se de uma organização não-governamental, com sede em Curitiba, Paraná (Dório, 2007).

Os casos dos adolescentes e jovens do Programa "Bom Aluno" que já alcançaram o ensino superior – exemplares do fenômeno de "longevidade escolar" em meios populares - comportam um elemento instigante de se investigar, a meu ver, que é o fato dessa permanência no sistema de ensino trazer a marca da "excelência escolar", sobretudo no ensino básico. Considerando que um dos critérios principais para a seleção desses jovens recai sobre o seu bom desempenho escolar (mínimo de 70% de aproveitamento), além de se levar em conta também seu interesse, disciplina e assiduidade às aulas, minha atenção, nesse projeto, se volta para as condições que possibilitam essa "excelência escolar".

A seleção da primeira turma para o Programa de Belo Horizonte se deu em 2002. A partir daí, as entradas estão ocorrendo de 2 em dois anos, sendo que, excepcionalmente, aconteceram também algumas seleções anuais. Hoje são 51 os estudantes de ensino superior que passaram por esse Programa, assim distribuídos: 12 na UFMG, 27 em instituições de nível superior pela via do PROUNI[7], 4 com bolsa integral negociada pelo programa com estabelecimentos de ensino superior da rede privada; 4 no CEFET (Centro Federal Tecnológico); 2 na UFV (Universidade Federal de Viçosa – cidade interior de Minas Gerais), 1 na UEMG (Universidade do Estado de Minas Gerais) e 1 na Fundação João Pinheiro[8].

Os jovens que estão cursando a UFMG, sujeitos dessa pesquisa, escolheram os seguintes cursos (em ordem alfabética): Arquitetura (2), Ciência da Computação (1), Educação Física (1), Engenharias – civil, aeroespacial e elétrica (3), Fisioterapia (1)[9], Matemática (1), Odontologia (2),Pedagogia (1) e Psicologia (1). Todos esses

[7] PROUNI - Programa Universidade Para Todos: Um Programa de iniciativa do estado brasileiro, que fornece bolsas de estudo em estabelecimentos de ensino superior da rede privada, com base na pontuação que o(a) aluno(a) alcança na avaliação do ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio.

[8] Instituição pública vinculada à Secretaria de Estado de Planejamento e Gestão. Atua nas áreas de ensino e pesquisa em administração pública, avaliação de políticas públicas e na produção de indicadores estatísticos, econômicos, demográficos e sociais.

[9] Trata-se de uma jovem que trancou a matrícula no curso de fisioterapia, em 2011, para se preparar para o vestibular de medicina, um projeto alimentado há algum tempo por ela.

estudantes tiveram acesso a essa Universidade assim que concluíram o ensino médio, sem terem freqüentado cursinhos preparatórios.

Formas de Manifestação do bom desempenho escolar em meios populares: contribuições teóricas.

Considerando as indagações acima referidas, deparei-me com a necessidade de buscar uma literatura, sobretudo de base empírica, que contribuísse para descrever e conceituar o bom desempenho escolar nos meios populares. Convém salientar que, embora o foco aqui recaia sobre o caso das camadas populares, tenho como hipótese que as teses encontradas a esse respeito sejam também pertinentes para se pensar esse fenômeno no contexto dos diferentes meios sociais.

Perrenoud (2003), apontando dilemas e controvérsias em relação à definição de *sucesso escolar*, defende dois níveis para esse fenômeno: um que está associado ao desempenho/êxito dos alunos, aqueles que progridem nos estudos, satisfazendo as normas de excelência escolar; outro, ligado ao sucesso de um estabelecimento de ensino ou de um sistema escolar no seu conjunto. Esse último nível traduz o resultado de avaliações em larga escala, com base no currículo formal e utilizando testes padronizados, e busca levantar, sobretudo, os fatores que explicam os melhores desempenhos dos estabelecimentos de ensino, possibilitando a comparação entre eles. O autor defende que a avaliação desses dois níveis de sucesso "se situa no cruzamento de duas lógicas frequentemente antagônicas, a da aprendizagem e a da medida". Interessa nesse trabalho o sucesso escolar que se circunscreve ao desempenho *dos alunos*.

1. A natureza do êxito escolar

Uma pergunta é central, reitera-se: qual é a natureza do bom desempenho escolar, a sua "anatomia", sobretudo no ensino básico? A parte mais visível da situação de bom aluno é a nota, mas "o que está por trás da nota" (Perrenoud, 1999)? Segundo, esse autor a competência é que torna possível o bom desempenho, mas mesmo assim "isso ainda não nos diz nada de sua exata natureza" (p. 44), havendo uma mistura específica de diversos elementos em cada situação – aprendizagens, comportamentos e disposições. Assim, a excelência escolar não repousa necessariamente sobre aprendizagens intelectualmente exigentes, como pode parecer à primeira vista, mas também "sobre aprendizagens metódicas, "escolares", com o que isso implica de conformismo, perseverança e de resistência ao tédio", assim como sobre competências estratégicas que são acionadas nas situações de aprendizagem e de avaliação (Perrenoud, 1999, p. 45- 49). Constituem exemplos desses recursos: a boa vontade, o desejo de aprender, a aplicação, a memória, a ordem, o trabalho, o conformismo, a disciplina, a seriedade. Essa dimensão comportamental e disposicional do bom desempenho escolar remete para as práticas socializadoras familiares[10] e podem pesar mais do que a herança cultural em sentido estrito, sobretudo nas séries iniciais do ensino fundamental, segundo esse autor.

Lahire (1997) também sustenta que o sucesso escolar nos níveis iniciais (no Brasil, as primeiras séries do ensino fundamental, de 6 a 10 anos) pode assumir várias formas. Ou seja, o bom aluno pode ser, tanto aquele que obtém boas notas (dimensão cognitiva do desempenho), quanto o aluno dócil, interessado, disciplinado; ou, ainda, o aluno que apresenta todos esses indicadores ao mesmo tempo.

O conceito de "ofício de aluno" sistematizado por Perrenoud constitui um instrumento particularmente fértil para a compreensão das situações de bom (e

[10] Nos interior dos meios populares podem ocorrer práticas socializadoras – diferenciadas nesses contextos - que seriam "responsáveis" por determinadas disposições, como a de autonomia, assim como por determinados tipos de moral, que facilitam o trânsito bem sucedido no ambiente escolar (Thin, 2006; Lahire, 1997; Viana, 2005).

mau) desempenho escolar. Ele permite analisar o "trabalho" realizado pelos alunos na escola, no contexto de um determinado modelo histórico de organização do trabalho escolar. Canário (2005, p 145) afirma a respeito:

> O conceito de "ofício de aluno" tem a sua justificação, quer em termos semânticos (o aluno realiza um trabalho que obedece a regras e que são aprendidas e exercidas), quer em termos de análise (remete a compreensão dos comportamentos do aluno para o modelo do "actor social").

No contexto de um tipo de trabalho "forçado, repetitivo, fragmentado, permanente sob controlo, sujeito a um regime apertado de sanções e recompensas (...)", (Canário, 2005, p. 146), o aluno se vê confrontado a desenvolver estratégias e habilidades de sobrevivência, como: "saber responder às questões do professor, participar das aulas, fazer corretamente os exercícios, saber fazer cálculos, resolver problemas, (...), refazer com sucesso exercícios já feitos (...), refazer o que acaba de ser exercitado" (Perrenoud, 1999, 45).

A excelência escolar, no entanto, produzida nesse contexto, não é menos meritória que outras; ela é apenas específica e fechada num campo de comparação, argumenta Perrenoud (1987).

2. A relação com a escola e sentidos atribuídos ao saber

O "ofício de aluno", como quadro de análise, nos remete para a questão dos sentidos atribuídos à escola e aos saberes escolares. Diferentes tipos de relação com a escola e aos seus saberes advêm do "trabalho do aluno" que é produzido nesse contexto. Essa problemática tem sido abordada em profundidade por Bernard Charlot (1996, 2005). Sem negar as desigualdades diante da escola e dos saberes escolares, esse autor propõe as noções de *mobilização, atividade e relação com o saber* para se compreender o sucesso e o fracasso na escola.

Com base em estudos empíricos, destacando-se os de sua equipe na França (Universidade de Paris VIII), Charlot indaga acerca das dificuldades para aprender encontradas entre alunos dos meios populares. Mas indaga, ao mesmo tempo, as razões para os êxitos paradoxais e inesperados nesses mesmos meios. Uma das possibilidades para a compreensão dessas questões consiste no que se segue sumariamente apresentado:

1. "Aprender" requer, além de condições materiais e institucionais, uma atividade intelectual do aluno; mas essa atividade, para ser eficaz, dever ser apropriada ao objeto de estudo (línguas, matemática, etc.).
2. A atividade do aluno pressupõe "mobilização" do mesmo para e na atividade, embora essa mobilização, necessária, não seja suficiente. É preciso atentar para as "disposições psíquicas" dos alunos e para as exigências da escola.
3. A atividade e mobilização do aluno apresentam uma estreita relação com o sentido que esse último contrói acerca dos saberes e da escolarização.

A escola se constitui, então, como lugar de estudo, de atividade intelectual? Orientado por essa indagação nuclear, Charlot (2005), com base em pesquisa realizada no Brasil, conclui que aprender remete mais a um fazer (desenhos, contas, dever de casa) e a comportamentos (uma forma de relação com o professor, com a escola, fazer, não fazer bagunça, por exemplo), do que a uma atividade intelectual. Nesse estudo, não se identificou de forma clara uma relação com objetos de saberes, muitas vezes confundidos com atividades, com "fazeres".

Alguns dados empíricos: o caso de Paula[11]

> (...) e ainda perdi media em literatura! Fiquei chocada! Nunca tinha visto aquilo em minha vida! Nunca tinha visto! E assim... perder média em prova... nunca, nunca, nunca! (Paula)

[11] Nome fictício

Destaco aqui alguns dados que interessam ao tema desse trabalho, extraídos de um dos casos da minha pesquisa atual, em andamento: o de Paula, 19 anos, frequentando o quarto período do Curso de Odontologia (entrevista realizada em janeiro de 2010). [12]

O trecho do depoimento de Paula, na epígrafe dessa seção, remete ao período de transição da escola pública para a privada. Essa jovem sempre fora boa aluna - "sempre, sempre, sempre", enfatiza. Afirma também que sempre foi "cotada" como melhor aluna da sala (da escola?), em função de suas boas notas. Os traços comportamentais e disposicionais que se seguem marcam a sua trajetória escolar.

Paula entendia que devia realizar as suas tarefas escolares da melhor maneira possível, "com qualidade", porque, segundo ela, não tinha nada que a impedisse de fazer diferente; tinha "condição boa, tranquila, boa assim, mental, psicológica (...)". E continua: "é uma escolha pessoal; e eu olhava assim, veio na minha mão, por que não fazer direito?" Sua dedicação sistemática aos estudos se manifestava, não só em fazer com esmero o que fazia, mas em ter uma prontidão e antecipação frente às solicitações dos professores; assim que uma tarefa era solicitada, por exemplo, ela já começava a se mobilizar para realizá-la; "pesquisava a fundo" sobre os temas e tarefas solicitados, afirma.

Ao lado dessa mobilização pessoal para a realização das tarefas, ela entende que aprendia de fato os conteúdos das matérias ensinadas. Um argumento que usa para "provar" isso é o fato de que frequentemente seus colegas lhe demandavam auxílio, ocasião em que eram organizados grupos de estudo. Para realizar essa atividade, ela se envolvia em tarefas, como: pesquisar sobre o assunto a ser

[12] No presente momento (2011) são 12 os alunos da UFMG oriundos desse Programa; no total, são 51 os que já entraram para o ensino superior desde o início do funcionamento do mesmo (2002) em Belo Horizonte. Do desenho metodológico da pesquisa deverão constar entrevistas com esses alunos e suas famílias, assim como a realização de pelo menos um grupo focal com os jovens. Realizei 07 das entrevistas planejadas.

"ensinado", conversar muito sobre o mesmo com uns e com outros e, finalmente, "repassar" esse conteúdo para os colegas; assim, "impossível não aprender", declara.

Outro argumento utilizado por ela para defender que realmente "aprendia" os conteúdos escolares é o de que não se esqueceu até hoje de muita coisa que estudou nos anos iniciais. "Passa flashes da aula até hoje; pra você vê como fixou! Acredito que quando a gente só estuda pra prova, o tempo passa e a gente esquece; as vezes cê esquece depois que cê fez a prova, né?", afirma a respeito.

Indagada sobre as principais qualidades da sua atuação como aluna na escola, ela responde incisivamente: "seria a minha determinação, minha curiosidade, minha habilidade de comunicar", atitudes que, segundo Paula, são interdependentes. Sempre recorria aos professores quando tinha dúvidas, muitas vezes procurando-os após o horário de aula. A sua dedicação e a determinação se manifestavam na sua firmeza em ir em frente apesar das dificuldades, o que, nesse caso, tinha o sentido de estudar/trabalhar, mesmo que não tivesse gostando da matéria, da atividade, apostando que poderia "ser bom lá na frente (...) ah, essa parte tá chata, mas *vamo..."*

Indagada sobre o que ela fazia para dar conta de continuar a ser boa aluna na escola privada onde cursou o final do ensino fundamental e o médio – depois de sua inserção no "Programa Bom Aluno" -, ela descreve esse momento como sendo bem demarcado do anterior. O nível de exigência – exigência de "envolvimento", segundo Paula - era sem dúvidas maior no novo contexto. Inicialmente, sentindo a mudança brusca, "entrou em desespero"; "aquilo ali era muito fora da minha realidade", afirma. Chegou a tirar nota abaixo da média: "a minha (nota) foi a menor nota". Mas mobilizou esforços redobrados para superar essa fase, acreditando que venceria, o que conseguiu.

Se os alunos dos meios populares encontram mais dificuldade para aprender na escola e, portanto, de serem "bons alunos", esse não foi/é o caso de Paula - assim como não é também o caso dos outros jovens do "Programa Bom Aluno". Os poucos elementos da trajetória de Paula, acima descritos, mostram que ela se mobiliza intensamente na escola e em relação à escola, se integrando de forma positiva nas rotinas escolares. Ela afirma que "aprendeu" os conteúdos das matérias escolares, chegando muitas vezes a "memorizá-los". Mas se de fato ela desenvolveu atividades intelectuais exigentes nesse processo de aprendizagem, o trabalho de interpretação esbarra em limites, sobretudo pela escassez de elementos para tal análise.

Paula construiu de maneira própria o seu ofício de aluna, sendo pertinente perguntar sobre os sentidos que ela construiu para/na sua experiência escolar. Perrenoud (1995) assinala que associar ofício de aluno com o sentido do trabalho escolar pressupõe que se entre na lógica dos atores, ou, do sujeito, segundo Charlot (2005) , mas apontando as dificuldades de se tratar os dados nesse âmbito.

> Cada um de nós mantem com o saber e os saberes uma relação prática e emocional que ultrapassa e, por vezes, contradiz as suas próprias representações. É por isso que não se poderia reconstituir a relação com o saber que deriva do ofício de aluno, considerando apenas os discursos dos alunos sobre o assunto ou o sentido dos seus saberes (Perrenoud, 1995, p. 211).

Parto do suposto da dificuldade de me deparar com uma "relação purista com o conhecimento", uma relação que fosse marcada pela fruição do saber em si, considerando particularmente tratar-se de um caso oriundo dos meios populares. O caso de Paula parece revelar uma relação prazerosa com os saberes escolares, mas, também (sobretudo?) instrumental. Ela tinha, desde o início de sua escolarização,

um desejo forte de continuar os estudos e chegar a fazer curso superior, o que mostra esse fragmento da entrevista, que remete à sua entrada no Programa, quando tinha por volta de 12 anos:

> (...) o Programa vai me possibilitar ter uma melhor aprendizagem, vai me fornecer melhores condições até, assim, de ir pra outras escolas, ... faculdade... será que um dia eu consigo lá... ah, eu quero faculdade, mas será que eu vou conseguir? Quando o Programa veio... como é que eu posso dizer... eu coloquei esse sonho na mão do Programa! Porque eu queria fazer faculdade, queria sim; queria ser uma revolução, queria mesmo mudar.

Assim, vejo presente na trajetória de Paula um interesse de ascensão social via escola, atravessado por outros interesses difíceis de serem decantados, um deles podendo estar ligado com o acesso ao conhecimento. BUISSON-FENET e LANDRIER (2008), a partir de um estudo com jovens imigrantes na França e bem sucedidos na escola, inscritos num programa de "discriminação positiva" voltado para a preparação para o curso superior, identificou que a relação desses jovens com saber apresentava:

> (...) um interesse intrínseco voltado, não a uma ou outra disciplina, mas mais amplamente à postura intelectual que a continuidade dos estudos vem consagrar e autorizar. O sentido e o valor atribuídos são estreitamente articulados ao desenvolvimento pessoal, ao prazer de aprender e de se formar (p. 70).

Em suma, o que se pode afirmar é que Paula venceu, com sucesso, etapas importantes de seu processo de escolarização, "sucesso" não só entendido como permanência no sistema de ensino - com destaque para a sua entrada na UFMG aos 17/18 anos, sem freqüentar cursinho pré-vestibular - mas também como um caso de bom desempenho/excelência escolar ao longo do processo.

Considerações Finais

Para concluir, ressalto dois pontos, de natureza diversa:

1. Do ponto de vista da articulação da teoria com a empiria, reitero que esse texto se apresenta exploratório, tendo em vista que "apenas" um dos casos investigados foi considerado. A despeito desse fato, alguns traços disposicionais postos a serviço da escolarização de Paula emergem com nitidez, o que permite, por um lado, demonstrar efetivamente que a sua permanência no sistema de ensino teve/tem a marca do bom desempenho/excelência escolar e, ao mesmo tempo, apontar pistas para se caracterizar "em que consiste a excelência escolar" (de Paula). As várias dimensões de sua dedicação sistemática, mobilizada, aos estudos, descritas acima, ilustram esses traços disposicionais.

Esse trabalho se apresenta exploratório, ainda, porque o aprofundamento teórico que se propôs desenvolver requer uma ampliação de busca na literatura, sobretudo de base empírica.

2. A origem do meu interesse pela problemática trabalhada constitui outro aspecto de destaque, a título de consideração final. Na pesquisa anterior (Viana, 2007) constatei que, dentre os casos estudados, alguns demonstraram bom desempenho escolar nos anos iniciais de sua escolarização. Essas situações de êxitos escolares, embora tendo sido apenas "parciais"/pontuais, mesmo assim constituíram trunfos para a mobilização escolar dos próprios filhos/alunos e de suas famílias; ou seja, elas contribuíram para a instauração uma espécie de "lógica do sucesso" que apontava para a possibilidade de continuidade dos estudos, fomentando investimentos na escolarização "daquele(a)" filho(a) pelas famílias. No entanto, esses "êxitos parciais" não se constituíram em objeto de análise naquela pesquisa.

Além disso, o desempenho escolar "mediano" e, por essa razão, entre outras, a não linearidade das trajetórias escolares investigadas, constituiu uma marca dessas histórias de escolarização. Uma expressão reiterada pelos sujeitos da pesquisa foi a de que a sua escolarização foi construída "aos trancos e barrancos".

Retomo esse aspecto para apontar a origem do interesse de focalizar, *na pesquisa atual,* a caracterização do bom desempenho escolar de sujeitos das camadas populares que, noutro contexto, também empreenderam uma trajetória escolar longeva. Essa revisitação do fenômeno com novo foco tem origem na constatação de que se faz necessário aprofundar a compreensão desse fenômeno, tendo em vista que, ao lado de avanços relevantes já empreendidos na compreensão do mesmo, identifico o que estou chamando de uma saturação dos resultados dos estudos nesse campo. Trabalhos recentes de revisão dos estudos empíricos realizados no contexto brasileiro, acima referidos (Souza, 2009; Bahia e Falcão, 2009), sugerem, na minha interpretação, essa dimensão de saturação.[13]

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Wilson Mesquita. Esforço contínuo: estudantes com desvantagens sócio-econômicas e educacionais na USP. São Paulo, USP, 2006 (dissertação de mestrado).

BAHIA, Mailine; FALCÃO, Beatriz. Longevidade escolar em camadas populares - Uma revisão de estudos empíricos recentes realizados no contexto brasileiro. *Relatório de Pesquisa de Iniciação Científica*, FaE/UFMG, 2010 (apoio FAPEMIG).

BUISSON-FENET, Hélène; LANDRIER, Séverine. Être ou a pas? Discrimination positive et révélation du raport au savoir. Lê cas d´une "prépa ZEP" de province. *Education et sociétés,* n. 21, p. 67-80, 2008.

CANÁRIO, Rui. *O que é a escola? Um "olhar" sociológico.* Porto, Porto Editora, 2005.

CHARLOT, Bernard. Relação com o saber. In; *Relação com o saber, formação dos professores e globalização.* Porto Alegre, Artmed, p. 35-74, 2005.

CHARLOT, Bernard. Relação com o saber e com a escola entre estudantes de periferia. *Cadernos de Pesquisa.* São Paulo, n. 97, p. 47-63, 1996.

[13] Alguns desses resultados, porque insistentemente reiterados no "estado da arte" produzido (Souza, 2009; Bahia e Falcão, 2010), fundamentam essa hipótese de saturação: a família como protagonista da escolarização dos filhos; a necessidade dos jovens de conciliar trabalho remunerado e estudo; o sucesso/longevidade escolar como o resultado de uma combinação complexa de fatores e não de apenas um fator determinante; a entrada tardia na universidade; a obtenção de êxitos parciais como uma das condições e marca das trajetórias escolares; a consideração/identificação de traços disposicionais favorecedores de longevidade escolar.

DIÓRIO, Zânia Maria. Bom Aluno: O Brasil precisa deste talento. In: FARFUS, Daniele, ROCHA, Maria Cristhina de Souza, CARON, (Orgs.) [et al.]. *Inovações Sociais.* Curitiba, Sesi/ Senai/Unindus, p 175-192, 2007.

IRELAND, Vera (Org.). Repensando a escola: um estudo sobre os desafios de aprender, ler e escrever. MEC/INEP/UNESCO, junho 2007.

LAACHER, Smaïn. *L'institution scolaire et ses miracles.* Paris, La Dispute, 2005.

LACERDA, Vânia Maria Guimarães. Famílias e filhos na construção de trajetórias escolares pouco prováveis: o caso dos iteanos. Niterói, UFF, 2006 (tese de Doutorado).

LAHIRE, Bernard. *Sucesso escolar nos meios populares - As razões do improvável.* Tradução de Ramon Américo Vasques e Sonia Goldefer. São Paulo, Ática, 1997.

LAHIRE, Bernard. Échecs et réussites scolaires em milieux populaires. *Conference inaugurale du IV Colóquio Luso-Brasileiro sobre questões curriculares.* Florianópolis, setembre, 2008.

LAHIRE, Bernard. Fabriquer in tipe d´homme autonome: analyse des dispositifs scolaires. In: *L´esprit sociologique.* Paris, La Découverte, p. 322-350, 2007.

LAURENS, Jean-Paul. *1 sir 500: la réussite scolaire en milieu populaire.* Toulouse, Presses Universitaires du Mirail, 1992.

PERRENOUD, Philippe. *Avaliação: Da excelência à regulação – entre duas lógicas.* Porto Alegre, Arte Médica, 1999.

PERRENOUD, Phillipe. Anatomie de l´excellence scolaire. *Autrement,* p. 95-100, 1987.

PERRENOUD, Phillipe. Vouloir être premier de classe, est-ce bien raisonnable? *Éducateur,* p. 14-17, 1990 (Repris dans *Métier d´éléve et sens du travail scolaire,* 1996, cap. 6).

PERRENOUD, Phillipe. Sucesso na escola; só o currículo, nada mais que o currículo! São Paulo, *Cadernos de Pesquisa,* 2003, n. 119, p. 9-27.

PERRENOUD, Phillipe *O ofício de aluno e o sentido do trabalho escolar.* Porto, Porto Editora, 1995.

PIOTTO, Débora Cristina. As exceções e suas regras: estudantes de camadas populares em uma universidade pública. São Paulo, USP, 2007 (tese de doutorado).

PORTES, Écio Antônio. Trajetórias e estratégias escolares do universitário das camadas populares. FAE - UFMG, Belo Horizonte, 1993 (dissertação de Mestrado).

PORTES, Écio. *Trajetórias escolares e vida acadêmica do estudante pobre na UFMG*: um estudo a partir de cinco casos. FaE/UFM

G,Belo Horizonte, 2001 (Tese Doutorado).

SILVA, Jaílson de Souza. *Por que uns e não outros? – Caminhada de estudantes da Maré para a Universidade.* Rio de Janeiro, PUC-RJ, 1999 (Tese de doutorado).

SOUZA, Maria do Socorro Neri Medeiros. Do seringal à Unversidade: o acesso das camadas populares ao ensino superior público no Acre. FaE/UFMG, Belo Horizonte, 2009 (Tese Doutorado).

TERRAIL, Jean-Pierre. *Destins ouvriers: la fin d´une classe?* Paris:Presses Universitaires de France, 1990.

THIN, Daniel. Para uma análise das relações entre famílias populares e escola: confrontação entre lógicas socializadoras. *Revista Brasileira de Educação*, ANPED, v. 11, n. 32, mai-ago, p. 211-225, 2006.

VIANA, Maria José Braga. *Longevidade escolar em famílias populares: algumas condições de possibilidade*. Goiânia, Universidade Católica de Goiás, 2007 (apoio FAPEMIG).

VIANA, Maria José Braga. As práticas socializadoras familiares como *locus* de constituição de disposições facilitadoras de longevidade escolar em meios populares. *Educação & Sociedade,* v. 26, n. 90, jan./abr, p.107-125, 2006.

VIANA, Maria José Braga. Novas abordagens da escolarização das camadas populares: uma revisão de estudos recentes acerca de trajetórias escolares de sucesso. *Vertentes,* São João del-Rei, UFSJ, n. 7, p. 82-93, 1996.

ZÉROULOU, Zaihia. La réussite scolaire des enfants d´immigrés: l´apport d une approche em termes de mobilisation. *Revue Française de Sociologie.* Paris, v. 24, n. 3, p. 447-540, 1988.